

“Pacto das elites existe, mas agora está em perigo”

“A maior das corrupções é a evasão de divisas”

Bisol quer devassa também no Judiciário

■ Senador afirma que empreiteiras formam “espécie nova de máfia” e diz que seus acusadores de agora “não perdem por esperar”

DORA KRAMER

Pacto das elites

“Existe um pacto das elites, que detém o grande poder político do país e foi atingido por essa denúncia. Portanto, a reação não é nenhuma surpresa para mim. Quanto às empreiteiras, se a denúncia não tivesse importância, não teriam tornado conhecimento. O que incomoda um pouco é a reação de gente envolvida com elas — sejam parlamentares, governadores ou ministros — que fazem essa avalanche de discursos baixos, ameaças, dizem que vão me cassar, coisas de toda sorte. Vai ser uma briga difícil, mas o processo é irreversível. O pacto existe, mas a sacralidade dele está em perigo.”

Anões e gigantes

“O esquema do João Alves é um esqueminha de pessoas primárias, que encontraram um filão de enriquecimento e depois não sabiam nem como esconder o dinheiro. A cultura política brasileira é tão viçada que cada grande líder que tem a possibilidade de chegar a um grande cargo, vê logo a possibilidade de formação de um grande patrimônio para a manutenção do poder político. O exemplo mais nítido é o Collor, que pensou em utilizar como instrumento de manutenção do poder a formação de um patrimônio muito grande que o colocasse em condições de enfrentar outras elites que já estão montadas sobre grandes patrimônios. Em suma, a idéia é a de que o poder político é sempre uma expressão do poder econômico.”

Grandes corruptores

“Como o fenômeno básico da política brasileira é a apropriação do Estado pelas elites, as empreiteiras são o centro da corrupção, mas não poderiam existir sem o sistema financeiro. O sistema financeiro brasileiro é de uma corrupção desastrosa, é por ali que passam todas as corrupções nacionais organizadas. O Collor, o fenômeno orça-

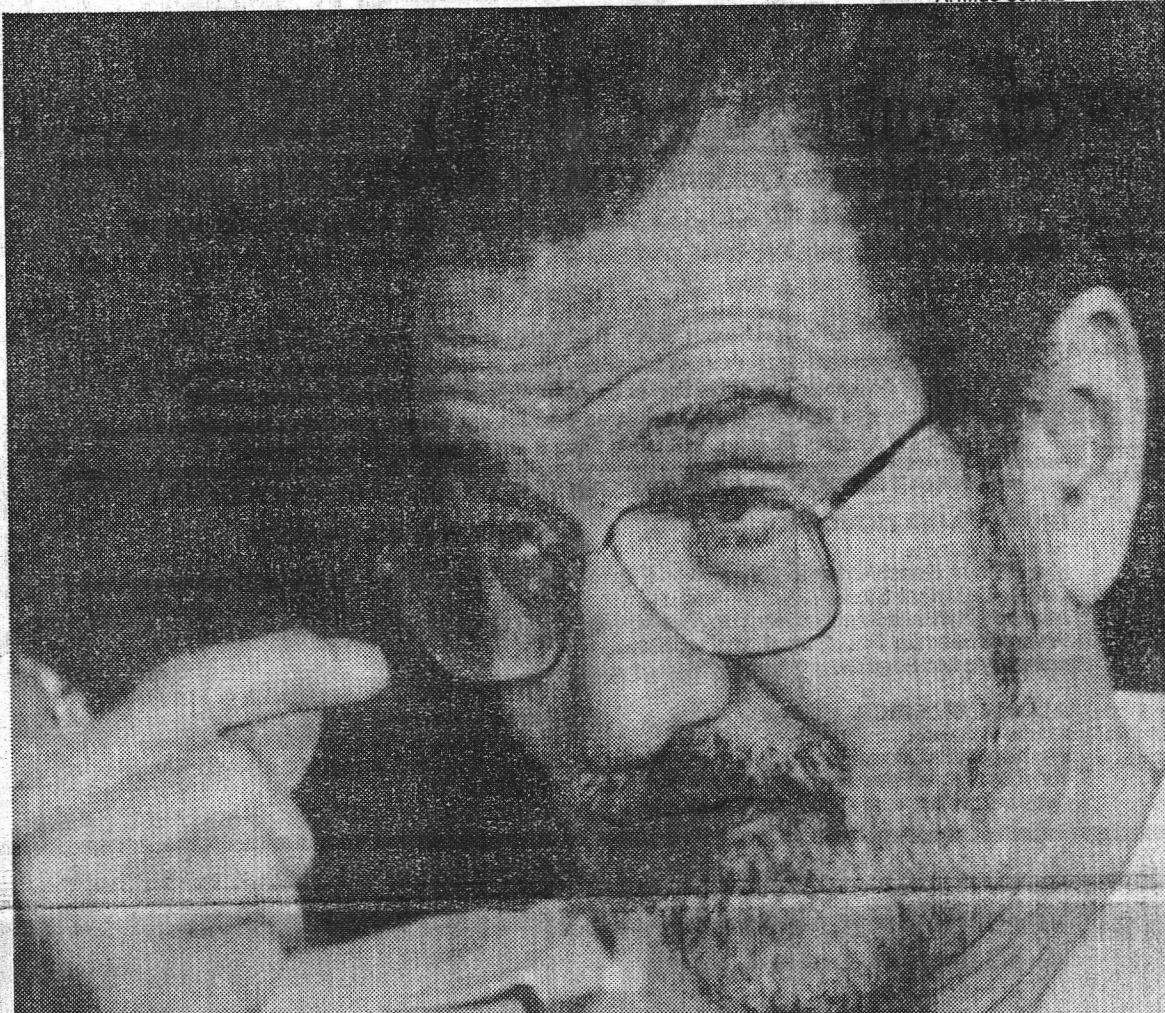
BRASÍLIA — Gaúcho de surpreendentes 65 anos de idade, o senador José Paulo Bisol (PSB-RS) foi a estrela da semana. Elaborou um relatório bombástico a partir do exame de documentos apreendidos pela polícia na casa de um diretor da Norberto Odebrecht, que revelava estreita ligação das empreiteiras com o poder. A esse esquema, deu o nome de “sociedade secreta”. Provocou imediata reação de revolta no Congresso e agora promete novidades ainda mais quentes: “Acabo de confirmar que nos documentos que estão em poder da Polícia Federal há muita coisa relevante, que vai confirmar e até aprofundar os elementos que já temos.”

Para ele, no final de tudo o Brasil vai se deparar com a revelação, “espantosa”, de que, na verdade, as empreiteiras não têm como finalidade principal a construção de obras, mas a manipulação de dinheiro público. E mais: o senador Bisol desconfia que as ramificações delas não se limitam ao território nacional. “Estou convencido de

que esse esquema tem ramificações internacionais.” Para ele, essas empresas formam “uma espécie nova de máfia”.

Embora considere as empreiteiras como o ponto central da corrupção institucional, Bisol não atribui a elas a exclusividade da vilania nacional. Lança um desafio para que seja feita uma devassa completa nas instituições e destaca dois focos de corrupção ainda intocados: o sistema financeiro e o Poder Judiciário. Aos que hoje o acusam de leviano por ter divulgado nomes de parlamentares antes de apresentar provas de envolvimento efetivo com as empreiteiras, Bisol responde com um rasgo, bem típico seu, de temperamento: “Eles não perdem por esperar. Tem muita gente que vai se arrepender do que anda dizendo.” A seguir, o pensamento do senador sobre alguns aspectos desse novo escândalo.

Amílcar Schulz — 15/11/93



mentário, nada disso existiria se o sistema financeiro não desse cobertura para isso. A evasão de riquezas é, a meu ver, a pior das corrupções do país.”

Judiciário

“É um poder metido a intocável que se protege muito no princípio constitucional da independência dos poderes. Não podemos deixar passar em branco a necessidade de fazer desmascarar suas corrupções, até para que isso sirva para uma reestruturação desse poder que é importantíssimo para a cidadania. Os integrantes do Judiciário julgam-se sacrais. Estiveram sempre acima da lei. São os principes da República. Vivem como que numa corte, são intocáveis. Esse sentimento de sacralidade, que é gritante na magistratura, é um sinal de corrupção.”

Novos vilões

“Descobrimos apenas um braço de uma sociedade paralela, uma associação secreta cujo objetivo maior é o controle do Estado, do Orçamento. Nós até agora só pegamos o braço dessa associação correspondente ao Nordeste, um pouco do Norte e do Centro-Oeste. Mas, pelo jeito, essa sociedade é muito mais ampla, tem um núcleo em cada ponto do país. Essa sociedade que apontei agora não é única, com certeza nos estados existem outras, grupos econômicos que também aprenderam a dominar o processo eleitoral. Há muitos vilões.”

Rumo das investigações

“Nós já temos uma documentação muito boa, mas a complexidade, a extensão e o número de operações que o esquema realiza exige uma investigação muito maior. Ainda há muita coisa a descobrir. Além disso, só o fato de ter havido a denúncia do poder paralelo fará com que as pessoas que têm conhecimento dele começem a entrar em contato comigo. Recebi telefonemas de gente interessada em passar informações, pessoas querendo marcar encontros comigo. Algumas são ex-funcionários dessas empre-

sas. Obviamente, seus nomes serão mantidos em sigilo, até porque sei que algumas delas têm em seu poder documentos relevantíssimos, mas ainda não estão dispostas a entregá-los.”

Prova perfeita

“É aquela que retratar com perfeição a estrutura, a operacionalidade e, sobretudo, aquela que retratar aquele momento da compra, do pagamento da propina. Relevante também é verificar se as verbas correram os trâmites normais e se as obras aos quais eram destinados efetivamente foram feitas. Nos documentos que temos, o menos relevante são essas notas com os percentuais relacionados com os nomes de parlamentares. Elas são apenas um princípio de prova. Os nomes dos deputados não são importantes, é até possível que entre esses haja inocentes. As de atas de reuniões dessas empresas é que são realmente importantes.”

Ameaças

“A maior parte delas são históricas, não tem racionalidade. O que acho perigoso é mexer com esse poder paralelo, embora por enquanto ainda não devam acontecer manifestações muito fortes. O problema virá quando eles sentirem que não há mais volta. Aí será melhor a gente se cuidar, sair menos de casa, aumentar a segurança pessoal. Quanto mais reveladora se tornar a investigação, mais risco sei que vou correr.”

Solução

“Acho que não podemos ficar só com as CPIs, até porque senão elas aborverão totalmente as atividades do Congresso. É indispensável mudar a Constituição para criar uma instituição habilitada para uma verdadeira investigação. Propus já uma solução emergencial, um conselho da cidadania que se encarregue da investigação da corrupção institucional até que se crie um organismo permanente para isso, como existe na Itália.”